

## GEÓGRAFOS HUMANISTAS CLÁSSICOS COMO REFERÊNCIAS: A CADEIA DE TRANSMISSÃO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

*Classical humanist geographers as references: the transmission chain in the production of geographical knowledge*

Juliana Maddalena Trifilio Dias<sup>1</sup>

### RESUMO

O que te faz ler um autor? Qual o lugar dos geógrafos humanistas clássicos em sua formação? Como um grupo de estudos e pesquisa pode transmitir algo a seus membros e leitores? Você estabelece laço com seus antecessores ao produzir conhecimento geográfico? O que seria uma cadeia de transmissão entre geógrafos humanistas? O que significa uma referência? Estas e outras questões estão presentes no artigo que procura discutir o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural entre passado e futuro. Para isto, o texto é construído com o conceito psicanalítico de transmissão e enfatiza a presença da dimensão subjetiva nos estudos humanistas. As cadeias de transmissão entre os geógrafos humanistas John K. Wright, David Lowenthal, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan, e entre os psicanalistas Sigmund Freud e Jacques Lacan se apresentam como o fio central do texto e nos provocam a refletir sobre nossos lugares entre *terrae incognitae* e terras conhecidas.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista. Transmissão. Antecessores. Subjetividade.

### ABSTRACT

What makes you read an author? What is the place of classical humanist geographers in your formation? How can a study and research group convey something to its members and readers? Do you bond with your predecessors by producing geographic knowledge? What would be a chain of transmission between humanist geographers? What does a reference mean? These and other issues are present in the article that seeks to discuss the Humanist Cultural Geography Research Group between past and future. For this, the text is constructed with the psychoanalytic concept of transmission and emphasizes the presence of the subjective dimension in humanistic studies. The transmission chains between humanist geographers John K. Wright, David Lowenthal, Eric Dardel and Yi-Fu Tuan, and between psychoanalysts Sigmund Freud and Jacques Lacan present themselves as the central thread of the text and cause us to reflect on our places among *terrae incognitae* and known lands.

**Keywords:** Humanist Geography. Transmission. Predecessors. Subjectivity.

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da UFJF da área de Ensino de Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora. [juliana.maddalena@ufjf.edu.br](mailto:juliana.maddalena@ufjf.edu.br).  
✉ Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário. Faculdade de Educação. Bairro São Pedro, Juiz de Fora, MG. 36036-900.

## APRESENTANDO UM CAMINHO

Recebi o pedido para olhar a produção do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – GHUM nesta primeira década, para problematizá-la e discuti-la sob duas perspectivas: avaliação e projeção. Este pedido veio acompanhado do convite de compor a mesa “Lugar, Paisagem e Experiência” juntamente com o professor Angelo Serpa (UFBA) e sob coordenação do professor Werther Holzer (UFF). Essas duas perspectivas vão ao encontro da temática do X Seminário sobre Geografia Humanista: Passado e Futuro. Dessa forma, o que é possível dizer sobre nossos primeiros dez anos e sobre a próxima década?

Este texto se apresenta como efeito daquilo que foi dito na referida mesa e, portanto, produzido *a posteriori*. Isto significa que será possível encontramos traços do Seminário e novos sentidos tecidos pelo movimento da escrita. O convite é para prestarmos atenção nos efeitos das perguntas presentes no texto e naquelas que poderão emergir durante a leitura.

Para circunscrever este processo, após dizer sim a esta demanda, comecei a pensar caminhos metodológicos para a construção deste trabalho. O primeiro movimento foi de identificar a produção e os membros ligados à temática proposta pela mesa. A busca foi por responder: quem são os pesquisadores? O que foi publicado e associado ao GHUM? Então, fui aos sites do GHUM, do diretório CNPQ e da revista Geograficidade, busquei artigos e palavras-chave com o tema da mesa. Diante do material, optei, naquela ocasião, por não apresentar um estado-da-arte da produção, mas realizar outro movimento reflexivo. Procurei olhar para aqueles geógrafos que são referência para nosso grupo e que estavam presentes na referida produção. Mas o que significa olhar para nossos antecessores?

## CAMINHO, MOVIMENTO E TRANSMISSÃO

Nos dez primeiros anos de GHUM, comumente ouvi entre os membros do grupo afirmações como: “Nossa! Me encontrei nesta Geografia”. Existe nesta frase a ênfase na dimensão do encontro, do encontrar-se e do encontrar algo. Com esta marca do encontro, podemos colocar luz sob outras duas dimensões: da falta e da busca.

Para Freud (2011), em cada movimento realizado pelas pessoas, há um investimento libidinal em direção a um objeto que nos causa e nos move. Mas de largada, este mover-se em direção a alguma coisa já está marcado pela falta. É importante nos depararmos com a falta, com esta falta que nos move. Algo que o mover faz valer: a falta. Olhar, por meio da Psicanálise, e refletir sobre a temática do Seminário: entre passado e futuro, é considerar substancialmente a relação entre falta e movimento.

O GHUM tem movimentado e avançado nas produções sobre lugar, paisagem e experiência. Mas estamos abordando conceitos que não são exclusivos da Geografia e muito menos nossos, geógrafos humanistas. No entanto, no campo da Geografia Humanista e no GHUM, diante dos três termos, uma perspectiva tem sido nossa marca: a subjetiva. Então, opto por voltar-me intencionalmente à dimensão subjetiva que nos atravessa entre passado e futuro, e pergunto: a subjetividade coloca o GHUM em movimento? Nos movemos em direção ao subjetivo em nossas geografias? O que nos falta? O que buscamos?

Geógrafos humanistas há tempos têm considerado a dimensão subjetiva no fazer geográfico. Nosso coordenador Werther Holzer (2016), na introdução de sua obra de referência, demarca que o livro “Geografia Humanista, sua trajetória 1950-1990” é um estudo sobre uma corrente da geografia que enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas. Então, qual tem sido nosso olhar para o subjetivo?

## Geógrafos humanistas clássicos como referências: a cadeia de transmissão na produção do conhecimento geográfico

Juliana Maddalena Trifillio Dias

Nossas pesquisas têm sido orientadas por olhares com e a partir de alguns geógrafos clássicos e contemporâneos aqui citados em ordem alfabética: Anne Buttimer, Augustin Berque, Carl Sauer, David Lowenthal, Denis Cosgrove, Edward Relph, Éric Dardel, John K. Wright, Nicholas Entrikin, Paul Claval, Vicent Berdolay e Yi-Fu Tuan. Qual tem sido o lugar dos clássicos em nosso fazer geográfico na contemporaneidade? Retomando uma pergunta anterior, por que nos voltar aos nossos antecessores?

Inspirada pelo livro “Por que ler os clássicos” de Ítalo Calvino (2007), destaco algumas de suas treze propostas de definição. O escritor se refere aos livros clássicos como aqueles que relemos e que exercem influência singular, inclusive quando parecem ocultos em nossa memória. Destacar obras e autores clássicos não significa desconsiderar as circunstâncias espaço-temporais em que cada autor construiu seu movimento e percurso de escrita. Mas ao contrário, trata-se incluir, assumir, valorizar e dialogar com geógrafos e geógrafas que construíram nossos referenciais clássicos para Geografia Humanista em nosso fazer geográfico cotidiano e contemporâneo.

Comumente algumas pessoas questionam: “por que ler algo escrito na década de 1920, 1940, 1960 ou 1980?”; “Por que apostar que o novo está no lá no ontem?”; “Por que preciso ler um autor clássico para pensar na contemporaneidade?” Para responder aos questionamentos, elenco três possibilidades para dialogarmos.

Primeiro porque geógrafos humanistas que nos antecedem moveram-se em direção ao desconhecido e desbravaram *terrae incognitae*. Com a busca e movimento de cada um deles, hoje podemos continuar nossos caminhos investigativos e com a produção do conhecimento geográfico com a ideia de subjetividade já incorporada neste campo. Eles abriram e desbravaram campos que hoje nos permitem afirmar que a Geografia Humanista há muito tempo já

direcionou e abarcou estudos sobre as relações entre as pessoas e lugares (DIAS, 2019). As reflexões a partir da subjetividade, com ênfase na memória, na imaginação e na experiência já estão na realidade do fazer geográfico. Neste caminho e caminhar, escolho destacar quatro geógrafos humanistas que construíram marcos referenciais: John K. Wright, David Lowenthal, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan.

Segundo porque, conforme Calvino (2007), as releituras dos clássicos nos possibilitam descobertas a cada vez que a eles nos dirigimos. Este movimento poderá nos fazer encontrar com a possibilidade de dizer algo que ainda não foi dito sobre um clássico. Neste sentido ele não é visto como uma palavra morta em determinado tempo e espaço, mas com um dizer vivo em toda sua potência para circular e produzir efeitos no presente. A possibilidade de dizer algo que ainda não foi dito sobre um clássico, não é de superação ou negação do mestre, mas de continuidade. É considerar que estes autores e livros chegam até nós com as marcas de escrita e leitura daqueles que nos antecedem e que será por meio delas que poderemos ser surpreendidos em cada releitura. É procurar sair do lugar de quem ouviu dizer sobre estas referências para ir ao encontro daquelas que nos movem.

Terceiro pela aposta na palavra que circula entre diferentes tempos, espaços e gerações, através do que nomeamos na psicanálise lacaniana como transmissão. Destaco o movimento da palavra que circula entre pessoas, referências, mestres, leitores e autores, para além do perigo que compõe a crença que cada um é mestre de si mesmo. O ponto em questão não é se o clássico foi escrito em 1920 ou 1980, mas que foi produzido por alguém que realizou um movimento reflexivo, que avançou por terras desconhecidas na Geografia, que nos antecede em uma cadeia de transmissão na qual podemos nos inserir e para o qual nos dirigimos. Isto não significa dizer que “o novo está no lá no ontem”, mas que há sempre o que ler, reler e dizer sobre aquilo que

foi dito outrora e por um geógrafo referência. A construção de um trabalho autoral submetido aos mestres anteriores não diz de uma cópia ou de uma citação morta entre aspas, mas de um movimento do autor em seu tempo e espaço e na mesma direção de seus antecessores. Então, não se trata de precisar “ler um autor clássico para pensar na contemporaneidade”, mas de construirmos um lugar em uma cadeia de transmissão de onde poderemos dizer, sem negar, sem separar, sem destituir nossos antecessores. Justamente pelos efeitos e laços da cadeia de transmissão que podemos ler e dizer sobre a contemporaneidade.

O psicanalista Jacques Lacan se nomeava como freudiano. Esta não é apenas uma afirmação sobre sua escolha teórica e metodológica, mas diz de alguém referenciado em seu grande antecessor, Sigmund Freud. Lacan teve contato com a Psicanálise em um contexto em que os pós-freudianos haviam abandonado ou minimizado a força da obra de Freud. No entanto, Lacan a retoma e faz o retorno ao Freud com densidade e continuidade (DIAS, 2019). Dirigido a Freud e em sua linha de transmissão, Lacan aprofundou muitos pontos da obra freudiana, divergiu em alguns aspectos, adensou o caminho desbravado por ele, inovou conceitualmente e publicamente se dizia freudiano. Existem diferenças em suas formulações sobre o Inconsciente, mas em continuidade e na constituição de lugares singulares nesta cadeia de transmissão. Lacan encontrou seu lugar na cadeia de transmissão sem destituir seu grande antecessor.

Para Lacan, “nossa ciência só se transmite ao articular oportunamente o particular” (LACAN, 1998, p. 638). Atendendo para nossa produção do conhecimento geográfico, não há como considerar o GHUM desvinculado desses dois aspectos: movimento individual e coletivo na linha de transmissão entre geógrafos. Lembro-me que em minhas primeiras reuniões no grupo me encantei pelo modo

como os integrantes se referiam aos grandes nomes do campo. Os pesquisadores, em movimento pessoal, eram identificados, associados pela palavra e ligados a determinadas referências. Era comum nos dirigirmos a alguém especificamente para conversarmos sobre autores-referências para os colegas. Com isso, cada um, ao seu modo, foi encontrando e construindo lugares em cadeias de transmissão. Ao entrar no GHUM, fui sentindo as marcas e os efeitos de ouvir nomes de geógrafos humanistas clássicos e fui percebendo meu movimento diante dessas terras. Portanto, não há mero acaso na escolha de alguns geógrafos para construir este artigo. O que existe é o movimento de uma autora em direção às suas referências e a construção de um caminho na mesma direção em que iniciaram em décadas anteriores.

Para Lacan (2003), os laços estabelecidos e vividos em grupo têm papel central na transmissão, inclusive nas estruturas de comportamento e representação. Neste sentido, comumente ouvimos de novos integrantes: “você têm um modo diferente de fazer evento” e “você conversam e incluem novos participantes”. Para além de estabelecer valores sobre esta prática ser boa ou ruim, positiva ou negativa, o que podemos destacar é aquilo que ouvimos como retorno de nosso modo de ser e estar no GHUM. Não foi preciso que nossos líderes de grupo dissessem que deveríamos acolher novos participantes, mas ao experimentarmos isto em nossa entrada, esta atitude continuou através de cada membro. Portanto, não se trata de uma regra ou de um pedido comportamental, mas de algo que pôde ser experimentado e transmitido.

Ouvir nomes de geógrafos no grupo, suas histórias e sobre suas produções foi favorecendo que criássemos relações transferenciais através das quais a transmissão, para além de um saber consciente, foi sendo tecida. Segundo Lo Bianco, Costa-Moura e Solberg (2010), a narrativa como prática, entre pais e filhos, por exemplo, historicamente

favorecia o encontro do dizer e o escutar entre gerações distintas e com a possibilidade da transmissão da tradição. Esta perspectiva lacaniana de transmissão considera o conteúdo, mas enfatiza a possibilidade de constituirmos cadeia e nela construirmos lugares marcados por aquilo que nos atravessa e nos movimenta. Hoje, a narrativa oral e nosso lugar na escrita acadêmica se estabeleceram como mais um *lócus* para a palavra circular.

Na formação e continuidade de um grupo como o GHUM, a transmissão é elo, faz laço, favorece que a singularidade da autoria emerge e circula o conhecimento geográfico. Esta singularidade vai ao encontro do conteúdo geográfico herdado e assumido por cada um de nós. Mas ser um ponto na cadeia de transmissão não significa nem partida ou chegada, mas caminho, movimento, encontro, passagem, continuidade, vínculo, série e direção. Cada pesquisador, por identificação, investimento libidinal, transferência e trabalho poderá construir seu lugar em uma cadeia de transmissão na Geografia Humanista. Nesta cadeia, existem nossos antecessores, mas cada um de nós deverá encontrar ou construir uma posição discursiva que faça elo a partir de seu movimento desejante. Discurso este que, para Lacan (1972), faz função de laço social.

Esta posição na cadeia de transmissão precisa ser inventada por aquele que se põe em movimento. Não há um lugar *a priori*, uma vez que cada um ao se submeter à cadeia de transmissão, poderá advir naquilo que testemunha com os geógrafos antecessores.

### O CAMINHAR DE GEÓGRAFOS ANTECESSORES

As *terrae incognitae* da subjetividade na Geografia as quais me referencio foram desbravadas, especialmente, por John K. Wright, David Lowenthal, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan. Como na transmissão

trabalhamos com a dimensão do sujeito, do coletivo, do institucional nesta relação em cadeia, presenciamos no grupo a força desse referencial. Mas se cada um poderá fazer um lugar emergir na cadeia, seguimos o fio das terras subjetivas a partir da luz colocada sob o GHUM. Portanto, o grupo em três perspectivas: o GHUM como grupo, o GHUM com as grandes referências e o GHUM em meu movimento como professora pesquisadora.

O discurso de Wright para a American Geographical Society a partir da concepção de terra incógnita nos trouxe um importante marco. Para Wright (1947, 2014) as mais fascinantes *terrae incognitae*, entre todas, são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens. Para o geógrafo, a subjetividade pode ser entendida como “uma disposição mental para conceber as coisas com referência a si mesmo, ou seja, como elas aparecem para uma pessoa, ou como elas afetam e podem ser afetadas pelos desejos e interesses de uma pessoa” (WRIGHT, 2014, p. 8).

O investimento libidinal por algo que nos toma, pode nos impulsionar ao movimento, a percorrer lugares, desbravar terras e admirar paisagens com nosso encantamento pela estética e grafias da Terra. É como se esse encantamento, destacado por Wright, fosse herdado e enraizado no mundo interior das pessoas que podem ser mais ou menos sensíveis à imaginação, o que segundo ele, pode compor nossos impulsos em busca da satisfação em nossos estudos geográficos, inclusive por novas terras geográficas (DIAS, 2019). O que, pela lógica dos clássicos, nos permite afirmar que sempre haverá novas terras geográficas para serem exploradas. Do mesmo modo “novas geografias possíveis, descortinadas e algumas ainda veladas, mas que poderão ser exploradas e (re)-inventadas no futuro” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003, p. 16).

Para Wright (2014), a ideia de imaginação em sua dimensão subjetiva se coloca como algo que nos move ao inexplorado, seja pessoal, seja científico e também favorece o conhecimento. Esta força que é considerada como impulso e que nos põe em movimento pode nos levar a caminhos que sequer foram previstos (DIAS, 2019). A imaginação se coloca como provocadora no fazer geográfico, o que para alguns, pode ser visto como algo incontrolável e para outros como libertador.

Wright colocou luz sob as terras do coração e de nossa mente, onde sua geosofia está ligada ao conhecimento geográfico vivido e sistematizado entre o ato de imaginar e o mover-se na Terra. Seguindo este fio, na década de 1960, o geógrafo David Lowenthal também caminhou na busca por compreender os mecanismos mentais e subjetivos que originam diversos mundos, destacando que “nem o mundo nem nossas imagens sobre ele são idênticas com a Geografia” (LOWENTHAL, 1982, p. 104).

Segundo Holzer (2016), o artigo “*Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology*” de David Lowenthal (1961), é considerado como uma nova epistemologia para Geografia, um marco que se tornou base para Geografia Humanista e uma expressiva contribuição para expansão e consolidação das pesquisas neste campo para gerações de pesquisadores que o sucederam. O referido discurso de Wright (1947) *a posteriori* pode ser lido neste fio de continuidade na transmissão.

David Lowenthal (1961, 1982, 2015) escolheu explorar as *terrae incognitae* rumo ao ponto de vista pessoal e suas imagens sobre o mundo destacando-se no estudo da dimensão subjetiva sobre o passado e a da memória. Uma perspectiva que assume que o mundo se singulariza em cada um de nós e, portanto, se apresenta de modos diferentes para aqueles que o experimentam.

Segundo Dias (2019), com esta perspectiva, não haverá formas, cores, texturas, sons e cheiros idênticos. O não ajuste perfeito entre o mundo e nossas imagens é salutar para que possamos conviver com diferentes percepções e pontos de vista. Estas variações permanecem em movimento e se relacionam com diferentes tempos da vida individual e coletiva.

Lowenthal na década de 1960 já nos sinalizava que estas perspectivas são transitórias para o mundo e parciais para cada um de nós que o experencia. Neste aspecto, existe uma visão do mundo concebida pela mente humana e que também tem sentido à medida que se relaciona com nossos próprios propósitos. Uma leitura precipitada de tais afirmações poderia levar-nos a pensar em um mundo egocentrado, porém não é disto que se trata. É possível considerar que as relações sujeito-mundo e mundo-sujeito são tão fortes que têm, inclusive, desdobramentos na produção do conhecimento geográfico como tem sido nas searas encontradas no fazer do geógrafo humanista. As imagens de mundo são compartilhadas e nos permitem viver em sociedade, a partir das relações singulares e plurais que compõem um vasto universo de pontos de vista.

Esta possibilidade de viver e conviver é marcada pela concepção freudiana de realidade psíquica. Para Freud (2019), o termo ligado ao Inconsciente, “em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais” (FREUD, 2019, p. 640). Para o psicanalista, trata-se de uma forma especial de existência e de uma realidade decisiva.

Laplanche e Pontalis (1997) descrevem que o termo utilizado por Freud não é para mencionar um campo da Psicologia com uma realidade própria, “mas aquilo que para o sujeito assume valor de

realidade no seu psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 426). A realidade psíquica desempenha um papel importantíssimo diante da realidade material ou factual e se refere aos processos inconscientes, que não devem ser confundidas e geograficamente ambas podem ser consideradas (DIAS, 2019).

David Lowenthal não trabalhou com esta perspectiva freudiana de realidade psíquica, mas *a posteriori* podemos estabelecer este diálogo e continuarmos por estas terras. O grande geógrafo humanista avançou nos estudos sobre o passado e seguindo esta reflexão, nossas atitudes no mundo muitas vezes são ancoradas em percepções do passado, mas elas também podem revelar que consciência de sentimentos e eventos escondidos há muito tempo evita a dependência do passado e nos conduz para um futuro livremente escolhido. Em todos estes casos, o passado como *terrae incognitae* para a Geografia é um campo rico e desafiador, mesmo com algumas terras já conhecidas (DIAS, 2018).

Segundo Holzer (2016), esta perspectiva epistemológica de David Lowenthal destaca as imagens que temos do mundo, em uma ciência que incorpora a vida e produz conhecimento geográfico. Todavia, já que alinhar a visão pessoal ao mundo exterior seria algo impossível, a riqueza dessa perspectiva sobre a subjetividade está em considerar nossos mundos interior e exterior no conhecimento geográfico e em nossas práticas espaciais (LOWENTHAL, 1961, 1982).

Nesta mesma seara, Yi-Fu Tuan é o geógrafo humanista mais lido por estudiosos de outros campos e o mais conhecido entre aqueles que se aproximam do GHUM. Este fato reflete a capacidade de Tuan de ler autores de diferentes campos e de ser lido em distintas áreas do saber. Com os leitores, Tuan continua a nos impulsionar ao diálogo e a ampliar as fronteiras e limiares da Geografia Humanista. Tuan tem suas bases na Psicologia e na Fenomenologia, por exemplo, mas

sua produção também lhe fez encontrar seu próprio lugar na cadeia de transmissão. Nesta mesma linha, a geógrafa Lívia de Oliveira, nossa líder do GHUM, ao se encontrar com o pensamento de Tuan, generosamente o apresenta à geografia brasileira. Para além dos três livros traduzidos para o português, a pesquisadora que integra o grupo, Letícia Carolina Teixeira Pádua (2013), presenteia o mundo de leitores de Tuan com uma tese escrita a partir da leitura de toda obra do geógrafo. Letícia que está na linha de transmissão de Tuan, nos permite ter contato mediado com a obra para que cada um possa encontrar seu caminho reflexivo.

Na geografia contemporânea caminhamos por uma terra conhecida, mas que outrora já foi incógnita: a experiência de mundo (DIAS, 2019). Com Tuan passamos a olhar e buscar compreender a experiência humana no espaço terrestre e nossas relações com os lugares. A “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17). “O lugar como fruto da experiência humana foi algo inovador para a ciência geográfica e há algumas décadas as pesquisas já têm sido realizadas neste bojo” (DIAS, 2019, p. 64). A perspectiva de subjetividade de Tuan alia sensação, percepção, concepção, emoção e pensamento à experiência humana, algo que implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência. Viver que para Yi-Fu Tuan (1975) é experimentar.

Seguindo o fio da dimensão subjetiva, Éric Dardel com a obra “O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica” lançada em 1952, também estava à frente de seu tempo e talvez, por este motivo, o hiato entre sua publicação e difusão entre os leitores tenha se dado. Dardel enfatizou dois tipos de geografia: uma que está voltada para o mundo exterior das medições, delimitações e análises e outra como uma “geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo,

## Geógrafos humanistas clássicos como referências: a cadeia de transmissão na produção do conhecimento geográfico

Juliana Maddalena Triflino Dias

de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva” (DARDEL, 2011, p. 1).

Esta inquietude geográfica não nos move da mesma maneira. O que existe de singular em nossa história, em nossas marcas psíquicas e no modo com nossas pulsões nos movem na vida, estará ligado aos modos como criamos laços sociais, às nossas cadeias de transmissão e ao conhecimento geográfico que produzimos. Da mesma forma, cada pesquisador irá encontrar sua maneira de estar no GHUM e se sentir ou não pertencente a esta ou outra linha de transmissão.

Esta relação de pertencimento também pode ser lida a partir do conceito de geograficidade que foi apresentado por Dardel (2011) e que nos é fundamental na Geografia Humanista. O geógrafo enfatizou nossa relação concreta que nos liga à Terra, como uma relação existencial a este solo pátrio e base original da construção de nossos laços. Esta intimidade e cumplicidade que vivemos com a Terra nos permite considerar as realidades geográfica e psíquica que vivemos cotidianamente.

Existe algo a mais na concepção de Geografia como estudo ou descrição da Terra, mais do que a homogeneização e catalogação dos espaços. Seguindo o exemplo de Dardel e o alpinista, olhar para uma montanha, trabalhar com medições e curvas de nível, relacionar sua localização com placas tectônicas, considerar as intempéries a partir das influências da latitude, umidade e temperatura é importantíssimo e necessário, mas diante dessa montanha existe alguém (DIAS, 2019). “Quem seria esta pessoa diante da montanha? Quais motivos a levaram escolher determinada montanha para pesquisar? O que a move no mundo? Quais suas inquietações geográficas?” (DIAS, 2019, p. 48).

A concepção de geograficidade de Dardel (2011, p. 5) avança na produção geográfica ligada ao subjetivo e nos inspira ao afirmar que

[...] na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes.

Dardel desbravou as terras da geograficidade assumindo o mundo material e uma geografia interior em sua linha de transmissão. Hoje temos caminhado por trilhas de muitos geógrafos. Aqui reitero que fiz uma escolha para dizer sobre uma possibilidade de cadeia de transmissão entre Wright, Lowenthal, Tuan e Dardel, no entanto, outros caminhos e geógrafos humanistas são lidos e se apresentam como referências para outros pesquisadores. Ao me voltar para as terras ligadas ao subjetivo, ao imaginário e ao simbólico, pergunto, quais nossos pontos de encontro e fronteiras entre campos que vivemos na contemporaneidade? O que está para além das especificidades e gera uma outra perspectiva sobre nossa relação com a Terra?

Neste fio, com Wright, Lowenthal, Tuan e Dardel e todos seus sucessores, existe algo indissociável entre pessoas, lugares, paisagem e experiência. Mas por quais terras podemos continuar a avançar, refletir e produzir conhecimento geográfico considerando a subjetividade? Como nas cadeias de transmissão é possível encontrar um lugar, tenho caminhado pelas terras da Psicanálise como campo de diálogo, como movimento reflexivo e como nova base teórica e metodológica na Geografia Humanista. Se a demanda da mesa era por olhar para nosso passado e futuro, eis um ponto de encontro entre diferentes tempos.



### NO CAMINHAR DO GHUM, O ENCONTRO ENTRE ONTEM E AMANHÃ

Seguindo com a concepção de falta e movimento, ampliada pelo jogo de luz e sombras que criamos ao produzir conhecimento, temos uma geração no GHUM que ao se mover em direção aos estudos humanistas da geografia se encontrou ou já havia se encontrado com o pensamento de Yi-Fu Tuan. Considerando nossos próximos dez anos, estou fazendo este recorte para elucidar ou personificar questões que podemos enfrentar e nos encontrar enquanto grupo.

Ao perguntar aos alunos em sala de aula sobre o que lhes vem à cabeça ao ouvir Geografia Humanista, Tuan é recorrente nas respostas. Com destaque para as traduções de “Topofilia” (1980; 2012) e “Espaço e Lugar” (1983, 2013), este é nosso geógrafo referência que mais está sob a luz, o que não significa que em sua obra não tenhamos inúmeros pontos em sombra. Ou dito de outra forma, trata-se de um autor clássico e sempre haverá algo novo em sua releitura e sem destituição de seu lugar na cadeia de transmissão.

Para Marandola Jr. (2013b) o clássico “Topofilia” religa a geografia com as humanidades, não como uma proposição, mas como algo realizado por Tuan e que teve efeitos não somente na geografia humanista, mas na ciência geográfica. A força desse clássico que coloca a experiência geográfica no centro, está presente em cada leitura e releitura em diferentes temporalidades. Mas como clássico, quais outras contribuições para nosso campo poderemos tecer sobre lugar e paisagem na perspectiva da experiência?

Com este exemplo do clássico de Tuan, Eduardo Marandola Jr. (2013a) enfatiza o papel da geografia humanista na renovação de toda a geografia. E afirma que hoje temos inúmeras possibilidades teóricas para manutenção e construção do diálogo interdisciplinar, além disso, destaca a escolha responsável de nossos antecessores para modos que conhecemos sobre o fazer e pensar geográfico. Mas como mobilizamos

na contemporaneidade os conceitos de lugar e paisagem em linhas de transmissão com nossos antecessores?

O trabalho hercúleo de Letícia Pádua (2013) ao ler e nos apresentar toda a obra de Tuan é um farol que pode nos orientar neste jogo de luz e sombra. Na relação entre falta e movimento, há muito tempo temos nos alicerçado no pensamento de Tuan, mas muito nos falta, logo há muito a caminhar. Já não estamos com uma perspectiva da década de 1980, o que comumente encontramos entre aqueles que já ouviram falar em Tuan. Mas há o que caminhar.

Da mesma forma que espaço, lugar, topofilia e experiência são vocábulos recorrentes e associados ao pensamento de Tuan, mas há um silenciamento de outras palavras e também nelas mesmas. Algo que precisamos nos encorajar a buscar e romper.

Hoje começamos a receber outra geração que chega ao grupo através de Dardel. Muitos membros têm arduamente trabalhado e construído artigos aprofundando o pensamento dardeliano. Mas a premissa é a mesma, luz e sombra, falta e movimento. Há muito o que nos aprofundarmos na riqueza do pensamento de Dardel.

Nesta linha de transmissão e com a referência em Yi-Fu Tuan, a pesquisa geográfica com ênfase na dimensão subjetiva pela perspectiva do Inconsciente nos coloca outras possibilidades e desafios. Sob orientação do professor Eduardo Marandola Jr., a tese que defendi na Unicamp intitulada “Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia” (DIAS, 2019), apresenta três aspectos: movimento e lugar na relação de transmissão com geógrafos humanistas clássicos; novas possibilidades conceituais para uma Geografia Humanista de base psicanalítica; novo conceito sobre lugar, o lugar geopsíquico. Retomando uma questão presente no início do artigo, esta tese coloca a subjetividade em movimento no GHUM. Um movimento que desloca a condição de produzirmos conhecimento com ênfase na Consciência para o Inconsciente. Então,

outra questão surge: como nos colocaremos em movimento em direção ao Inconsciente em nossas geografias? Novamente, o que nos falta? O que buscamos?

Integrar um grupo onde é possível dizer e se encontrar com grandes referências é conviver com a possibilidade de nos depararmos com os efeitos da circulação da palavra, incluindo as escolhas por reler clássicos e apresentar novas perspectivas teóricas. Estes efeitos independem de nossa deliberação para serem produzidos. Dar lugar à palavra dos geógrafos contemporâneos e de nossos antecessores é uma forma de posicionamento diante da banalização da fala. Há o que dizer, há o que escutar, há o que ler, há o que reler. Um dos desafios para próxima década está em nos voltarmos intencionalmente para as cadeias de transmissão, para não suprimirmos a dimensão da transmissão em que um sujeito implicado possa advir em um lugar com sua singularidade e herança (ROCHA, 2004).

Um esforço entre passado e futuro do grupo precisa ser reconhecido: tradução. Tradução de livros e artigos na Geograficidade. Mas há falta e é preciso movimento. Se hoje alguém lhe perguntasse: qual livro da Geografia Humanista seria um sonho ter traduzido? Talvez possamos ficar com esta pergunta e nos deparar com o que temos lido/buscado em outras línguas.

Além dos geógrafos destacados, hoje temos no GHUM pesquisadores se movimentando em direção ao pensamento de Buttimer, Berque, Sauer, Seamon, Lowenthal, Cosgrove, Relph, Besse, Wright, Entrikin, Claval e Berdoulay. Além de geógrafos e geógrafas que vamos nos deparando do decorrer de nossas pesquisas. Porém, onde estão nossas geógrafas como referência? Há muita sombra e pouca luz. Há muita falta e muito a nos movimentar em direção a cada um deles e delas. A próxima geração chegará ao grupo através de quem? Quais cadeias de transmissão estamos tecendo?

Vejo que pensar lugar, paisagem e experiência também nos permite sentir a sombra sobre estudos que precisamos nos movimentar e

avançar, como a Educação Geográfica e a Cartografia, ambas à luz da Geografia Humanista. O que nossas referências humanistas têm nos movimentado a produzir nestes campos? Nossas marcas têm sido endógenas ou estamos avançados em nossas fronteiras?

Sobre marcas e fronteiras, o psicanalista Jacques Lacan nos disse sobre a possibilidade de alcançarmos em nosso horizonte a subjetividade de nossa época. A dimensão subjetiva também se altera em diferentes tempos e espaços, então precisamos nos voltar a ela para compreendermos este humano entre passado e futuro. Uma noção de subjetivo que poderá caminhar entre uma perspectiva da razão e da Consciência para o Inconsciente que nos constitui. Então poderemos nos fazer outras perguntas sobre como nos sentimos ligados à Terra.

Retomando o exemplo do alpinista, posso dizer que diante da montanha existe alguém que a olha, sente, toca, cheira, saboreia, lembra. Alguém que a vive. Alguém produzindo conhecimento e sendo marcado pela dimensão subjetiva de sua geografia. A ciência geográfica passou muito anos olhando só para a montanha, a Geografia Humanista de base fenomenológica nos aponta a possibilidade de olhar para este sujeito na/em relação com a montanha. E agora, a Geografia Humanista de base psicanalítica nos convida a olhar para este alguém diante dessa montanha. Alguém que pode estar se sentido atravessado por essa grafia da Terra. Para seguirmos, o que te move? ☺

#### REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia**. 2019. 168f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, p. 161-173, 2018.

FREUD, Sigmund. **A negação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 16).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4).

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: EdUEL, 2016.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Do discurso psicanalítico**. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972. Trad. Sandra Regina Felgueiras, 1972.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LO BIANCO, Anna Carolina; COSTA-MOURA, Fernanda; SOLBERG, Marisa Cytryn. A psicanálise e as narrativas modernas: a transmissão em questão. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 17-25, 2010.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

LOWENTHAL, David. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the association of american geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country – Revisited**. Cambridge, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Topofilia: um clássico geográfico. **Geografia**, Rio Claro, v. 38, n. 2, p. 423-428, mai./ago. 2013b.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia** (Londrina), v. 12, n. 2, p. 5-20, 2003.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROCHA, Antônio Carlos. A transmissão e as novas formas do gozo. **Revista Tempo Freudiano**, n. 5, p. 53-70, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar – a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar – a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: The place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

Submetido em Fevereiro de 2020.

Aceito em Março de 2020.